

## Em janeiro, 563 mil voltaram às classes D e E

(NÃO ASSINADO)

O ano começou com uma reversão na tendência de crescimento da classe média (incluindo a classe C, a classe média popular), uma marca do governo Luiz Inácio Lula da Silva. Em janeiro, 563 mil pessoas caíram da classe C para as D e E nas regiões metropolitanas de São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Recife.

Até dezembro, apesar da crise, o crescimento da classe média estava relativamente preservado, segundo os cálculos de Marcelo Neri, diretor do Centro de Política Social (CPS) da Fundação Getúlio Vargas (FGV). A divisão de classes empregada por Neri usa a renda familiar total. A classe E tem rendimentos mensais de zero a R\$ 800; a classe D, de R\$ 800 a R\$ 1,1 mil; a classe C, de R\$ 1,1 mil a R\$ 4,8 mil; e as classes A e B de R\$ 4,8 mil em diante.

A participação das classes A e B no total da população das seis regiões metropolitanas da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) caiu de 15,4% para 15,3% entre setembro e dezembro. Já nas outras classes, a tendência foi mantida. A classe C, a maior de todas, seguiu sua rota de crescimento, indo de 53,2% para 53,8%. As classes D e E encolheram de, respectivamente, 13,5% para 13,2%, e de 17,9% para 17,7%. “Só em janeiro soou o alarme de que, na área social, a crise não era só uma marolinha, embora ainda não esteja caracterizado que seja um tsunami”, diz Neri.

Os sinais de reversão vieram antes de janeiro, e o principal deles é o emprego formal, que teve um excelente desempenho desde 2004, impulsionado pelos efeitos no Brasil do crescimento global. Antecipando o encolhimento da classe média em janeiro, quase 800 mil empregos formais foram perdidos a partir de novembro.

### Facção nas despesas

O desemprego vem abatendo uma parte da população que até pouco tempo atrás não sabia o que era fazer parte da classe média. Estes trabalhadores tomaram gosto pelos novos hábitos de consumo. Agora, sem salário, passam o facção nas despesas.

O metalúrgico Adriano da Silva Souza, 32 anos, foi demitido há um mês e sem o salário de R\$ 750, a família agora conta só com a renda da mulher, empregada doméstica, para manter as despesas da casa e do filho de 7 anos. “A primeira coisa que cortamos foi a peruca que levava nosso filho para a escola. O celular virou pai de santo, só recebe chamada. E agora só compramos o indispensável.”

Demitido pela Embraer em fevereiro, Luciano de Paula Nogueira Peixoto, 35 anos, de São José dos Campos, se define como um “filho da crise”. O mecânico cortou o que pôde. Deixou o cartão de crédito em casa e não dá cheque pré-datado. Mudou o plano de telefonia fixa e reduziu os créditos do celular dele e da mulher de R\$ 35 para R\$ 11 cada. Trocou o carro pelo transporte público. Só de combustível diminuiu a conta mensal em R\$ 100. A carne saiu das refeições diárias da família. Nem o filho de um ano e três meses, escapou. Os pacotes de fralda foram substituídos por marcas baratas. O gasto total de R\$ 1,8 mil por mês já baixou para R\$ 1,4 mil. “Minha meta é R\$ 1,2 mil.”